

www.feedfood.com.br

ACESSE O
APLICATIVO
REVISTA
FEED&FOOD



feed&food

PORTA-VOZ DA INDÚSTRIA DE ALIMENTAÇÃO ANIMAL

ANO IX - Nº 97 - MAI 15 - R\$ 18,00

SBSA
UM DOS
PRINCIPAIS
ENCONTROS
DA AVICULTURA
MODERNA

ASBRAM
ASSOCIAÇÃO
DIVULGA
BALANÇO
POSITIVO
E O USO
CORRETO DE
SUPLEMENTOS



FEEDLATINA
A LEI DE
LIVRE VENDA,
O PRIMEIRO
MARCO PARA
INDÚSTRIA DE
ALIMENTAÇÃO
ANIMAL PARA
AMÉRICA LATINA
E CARIBE

EMPREENDER E INOVAR

**ESTE É O PRINCIPAL NORTE DA ATUAL GESTÃO DA ELANCO BRASIL
POUCOS MESES APÓS A INCORPORAÇÃO DA NOVARTIS SAÚDE
ANIMAL. EMPRESA BUSCA A LIDERANÇA DO SETOR FRENTE
AOS DESAFIOS DO MERCADO**

A RELAÇÃO ENTRE A PRODUTIVIDADE DO QUE VEM DA ÁGUA E A ECONOMIA

AUMENTO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA DE PESCADO SE CONSTITUI DE UMA IMPERIOSA NECESSIDADE E REAL ALTERNATIVA PARA O FORTALECIMENTO DA ECONOMIA RURAL BRASILEIRA

ITAMAR DE PAIVA ROCHA

A pressão da sociedade brasileira pela redução dos gastos públicos federais de custeio da sua estrutura pública nunca foi tão contundente como nos dias atuais. Existe, de fato, um verdadeiro clamor nacional vindo de todos os rincões do Brasil. Como legitimar a necessidade de um ajuste fiscal, proposto pelo Governo Federal com redução de benefícios sociais, sem cortar os gastos burocráticos da gigantesca máquina pública instalada em Brasília? Simplesmente, não faz sentido. Nesse contexto, ninguém duvida da imperiosa e inescapável necessidade de reduzir o incrível, injustificável e absurdo número de 39 ministérios/secretarias especiais. No entanto, a despeito do clamor nacional, o processo de redução não pode nem deve ser aleatório, e muito menos atender interesses político-partidários. Nesse processo, deve-se evitar que a ação redutora imponha obstáculos para o desenvolvimento do País, sem almejar indispensáveis resultados em termos de eficiência econômica e equidade social.

Toda essa introdução é para dizer que estamos aqui pensando no setor da produção de pescado do Brasil ante o extraordinário potencial que detém o território nacional, sem dúvida o mais exuberante do mundo, principalmente para o desenvolvimento sustentável da aquicultura, que nos últimos cinquenta anos, se transformou na atividade produtiva mais dinâmica do agronegócio mundial. Na realidade, em poucos anos, o pescado será a moeda de troca mais valiosa de todo o mundo, especialmente, por se tratar de proteínas de elevado valor nutricional, ricas em ácidos graxos polinsaturados, do tipo Ômega 3, desejada e cobiçada por todos. Por isso, é com base nesse entendimento que chamamos a atenção da nossa classe política e da sociedade como um todo, para o estratégico papel que o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA, ►

FIGURA 1: PRINCIPAIS IMPORTADORES MUNDIAIS DE PESCADO (2000 a 2013)

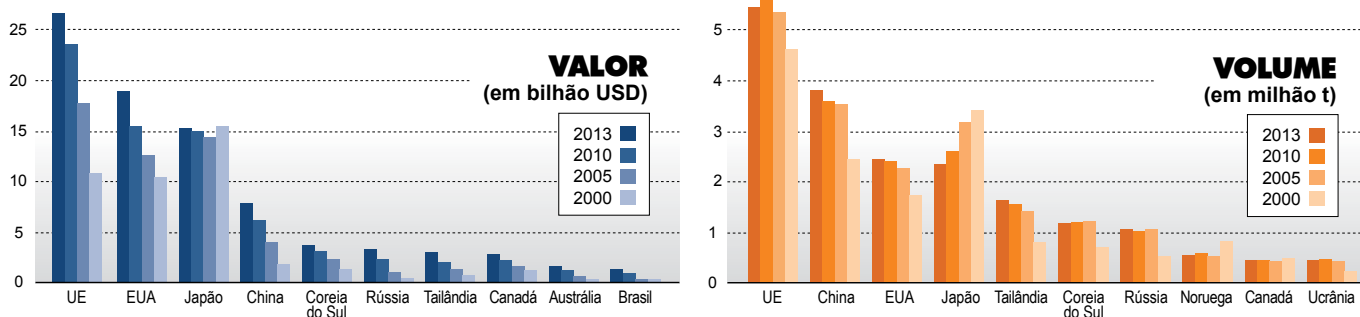
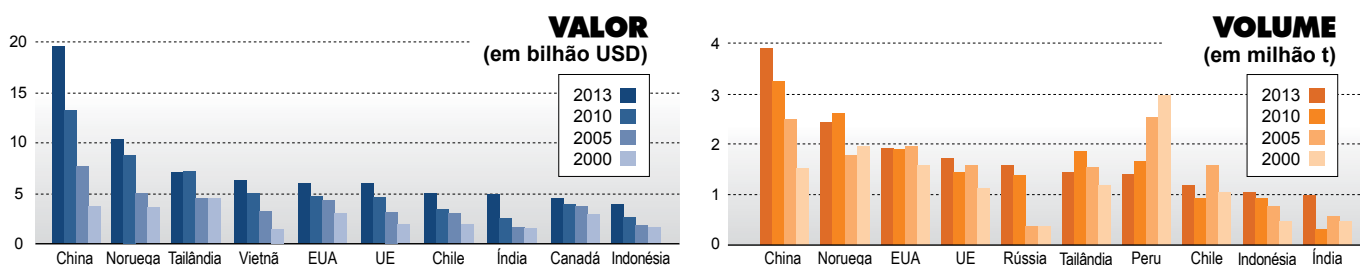


FIGURA 2: PRINCIPAIS EXPORTADORES MUNDIAIS DE PESCADO (2000 a 2013)



Fonte: Rabobank, Uncomtrade, Eurostat, 2015

Brasília/DF) pode desempenhar, tanto na produção de uma proteína nobre, como na geração de oportunidades de negócios, emprego e renda, com um viés destacado para o fortalecimento das transações comerciais das demais *commodities* brasileiras, como trataremos de demonstrar a seguir.

A produção mundial de pescado, em volume, é quase três vezes maior que a de carne bovina e o dobro da de carne de aves, setores nos quais o Brasil se destaca como produtor e exportador por excelência. Inclusive, em termos da produção de alimento destinada para o consumo humano, a quantidade de pescado consumida mundialmente é pouco mais do dobro da carne bovina e 61% superior ao consumo de carne de aves.

Por isso, tomando como base as recentes informações do boletim publicado pelo maior Banco Mundial do Agronegócio (Rabobank, Abril, 2015), se destaca que a importância do pescado pode ser medida tanto por se tratar da proteína animal mais comercializada em todo o mundo, como pelo fato de que suas exportações dobraram de valor nos últimos cinco anos, atingindo a expressiva cifra de US\$ 140 bilhões em 2013, com aportes decorrentes basicamente da produção aquícola. Em termos globais, a União Europeia se destacou como o maior importador de frutos do mar,

em valor (US\$ 26 bi), cifra esta superior em 10 bi aos valores de 2005. Em seguida, vêm os Estados Unidos como segundo maior mercado importador de frutos do mar (US\$ 19 bi), seguido pelo Japão, que por muito tempo liderou o destino dos frutos do mar, mas, mesmo perdendo essa proeminência, suas importações de pescado ainda cor-

EM 2013, AS IMPORTAÇÕES DE CAMARÃO DA UE E DOS EUA, SEGUNDO DADOS DO RELATÓRIO RABOBANK, 2015, FORAM DA ORDEM DE 700 MIL E 600 MIL TONELADAS, RESPECTIVAMENTE

responderam a US\$ 16 bi em 2013. Inexplicavelmente, o Brasil, com US\$ 1,45 bi, a despeito do imensurável potencial para a produção aquícola, já ocupa a 10ª posição (Figura 1).

Por outra parte, o grande destaque no contexto do setor pesqueiro mundial é a

China, pois, além de ocupar o primeiro lugar na produção de pescado (58 mi de toneladas em 2012), se destacou tanto como maior exportador de frutos do mar, com cifras da ordem de US\$ 20 bi, como das suas importações, que em 2013 já corresponderam a US\$ 8 bi. Por isso, considerando o seu atual desenvolvimento e o afluente crescimento de sua população e economia, a tendência da China para atender o crescente apetite de sua numerosa população por frutos do mar (10 kg/per capita em 1980 para 36 kg/per capita em 2013) é de iniciar um forte processo de importação de pescado, notadamente de frutos do mar com valor agregado. Além disso, a Noruega se destaca como segundo maior exportador de pescado (US\$ 10 bi), cujo carro-chefe é basicamente o salmão fresco para a Europa. Da mesma forma, outros países com crescimento da aquicultura orientada para exportações, tais como Índia, Vietnã, Indonésia e Equador estão ocupando posição de destaque na produção e comércio internacional de frutos do mar (Figura 2).

Nesse contexto, o camarão domina em valor o comércio internacional do pescado, seguido pela lagosta e caranguejos, participando predominantemente da grande indústria *Premium* de crustáceos, com uma produção global de 12 mi de toneladas. Desse total, cerca de 3 mi de toneladas de ▶

camarão são exportadas por um valor acima dos US\$ 25 bi. Em realidade, o crescimento do cultivo do camarão marinho nas áreas subtropicais e tropicais, paralelo ao seu crescente consumo na União Europeia, nos Estados Unidos, no Japão e, mais recentemente, na China, tem sido o principal propulsor do grande comércio global de camarões.

Em 2013, as importações de camarão da UE e dos EUA, segundo dados do relatório Rabobank, 2015, foram da ordem de 700 mil e 600 mil toneladas, respectivamente. A demanda por camarão tem permanecido consistentemente sólida mantendo níveis de preços competitivos e atraentes, o que motiva vários países a expandirem suas indústrias setoriais. Em 2013, a Índia passou a ser o principal fornecedor de camarão para os EUA, posição que por bom tempo fora ocupada pela Tailândia. Assim como a Índia, o Equador, com uma linha de costa (600 km) igual a do Estado do Ceará, teve sua produção aumentada para 300 mil toneladas, o que fortaleceu sua posição como líder da carcinicultura da América Latina, cujo volume de camarão exportado em 2014 (277 mil toneladas) contribuiu para captar US\$ 2,3 bi de divisas, superando o petróleo e a banana e, em relação ao Brasil, foi superior a todas as exportações do agronegócio da Região Nordeste, que conta com 3.317 km de costa e condições infraestruturais e ambientais superiores.

Diante desse expressivo panorama internacional da produção e comercialização de pescado, notadamente da dimensão de suas transações financeiras e da sua relevância para a alimentação da humanidade, cuja produção se deriva cada vez mais da aquicultura, a indagação que se faz é: como fica o setor do pescado no Brasil? Especialmente, quando se considera que o País dispõe de 13,7% da água doce disponível no planeta, de 4,5 mi de km² de Zona Econômica Exclusiva, de 9 mi de hectares de águas doces represadas, de 1 mi de hectares de áreas apropriadas para o cultivo do camarão marinho, dos quais utiliza 2,3%, afora as águas salitradas do interior do Nordeste, aptas para a criação de peixes e camarões marinhos.

Esse precioso e invejável acervo ecológico natural, juntamente às condições climáticas altamente favoráveis, associado a sua grandiosa produção de grãos e a localização estratégica em relação aos dois grandes mercados consumidores de pescado, a UE e os EUA, é um valioso presente da natureza que confere ao Brasil uma posição privilegiada no que tange à produção em grande escala comercial, tanto para o consumo interno quanto para exportação, incluindo



peixes, camarões e moluscos. Para isso, considerando a água como um setor relativamente novo no Brasil para a produção de proteínas de origem animal e que necessita de normativas e de incentivos governamentais, o País não pode prescindir de um órgão federal forte e atuante, para que apresente os diagnósticos da realidade setorial, formule e execute políticas públicas proativas, para superar os entraves e atrair investidores e tecnologias.

Com efeito, as potencialidades brasileiras para a produção de pescado, especialmente via aquicultura, justificam plenamente a existência de um Ministério da Pesca e Aquicultura, fortalecido e independente do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e do Ministério do Meio Ambiente (MMA), ambos sediados no Distrito Federal.

Por isso, nessas discussões sobre enxugamento da máquina pública, devemos separar o joio do trigo e, ao contrário do que equivocadamente se veicula na mídia, não podemos nem devemos extinguir o MPA, muito pelo contrário, precisamos dotá-lo de apoio político e governamental para que o mesmo supere as adversidades que impedem o crescimento da aquicultura brasileira e crie condições para que o setor produtivo promova o desenvolvimento dessa estratégica e relevante atividade, cuja característica principal se baseia na micro e pequena unidade produtiva, com geração de emprego e renda permanente, se constituindo em uma real alternativa para a inclusão social no meio rural do semiárido brasileiro, incluindo o duvidoso dispêndio do seguro defeso para pescadores artesanais.

A DEMANDA POR CAMARÃO TEM PERMANECIDO CONSISTENTEMENTE SÓLIDA MANTENDO NÍVEIS DE PREÇOS COMPETITIVOS E ATRAENTES, O QUE VEM MOTIVANDO VÁRIOS PAÍSES A EXPANDIREM SUAS INDÚSTRIAS SETORIAIS

Reverter a atual e pífia produção de pescado do Brasil, ante a extraordinária dimensão de seu potencial e dos imensuráveis predados naturais, é um desafio que reclama um decidido posicionamento das cabeças pensantes do setor pesqueiro e agropecuário brasileiro, junto à sociedade, ao Congresso Nacional, ao Governo Federal e Estaduais, o que passa necessariamente pela manutenção e fortalecimento institucional do MPA, órgão central de promoção e fomento do setor da pesca e aquicultura brasileira.

Por isso, antes de atirarem a primeira pedra, analisem os verdadeiros párias da nossa máquina pública, façam um paralelo do papel do MAPA, na performance dos expressivos números do nosso agronegócio, com o potencial dos recursos hídricos do Brasil, cuja exploração enfrenta as dificuldades capitaneadas pelo ambientalismo radical, cujos escusos objetivos é sempre a defesa dos interesses contrariados do além mar, o que exige um órgão central altivo e independente ■

ITAMAR ROCHA, ENG° DE PESCA
CREA 7226-D/PE (IPR1150@GMAIL.COM),
PRESIDENTE DA MCR AQUACULTURA LTDA.
(MCR@AQUACULTURA.COM.BR),
PRESIDENTE DA ABCC
(ABCCAM@ABCCAM.COM.BR),
DIRETOR DO DEAGRO,
CONSELHEIRO DO COSAG-FIESP E
CONSELHEIRO TITULAR DO CONAPE/MPA